

ESTÉTICA, ARTE E HISTÓRIA DA ARTE: ALGUMAS REFLEXÕES

BEAUTY, ART AND HISTORY OF ART: SOME REFLECTIONS

Laviane de Fátima Lima Bueno¹ e Renata Flávia Nobre Canela Dias²

RESUMO

O objetivo principal deste artigo que é uma revisão bibliográfica é fazer um apanhado de três áreas de estudo: a estética, a arte e a história da arte, analisando cada item, utilizando algumas ideias filosóficas. Podemos considerar que as primeiras obras de arte que encontramos, foram as encontradas no período das cavernas, com suas pinturas e objetos que o homem produzia ao manipular cores, formas, gestos, silêncios, sons, com o objetivo de dar sentido e também comunicar-se com o outro, começando então o início da arte. Hoje é possível ver a arte como algo fundamental e característico da cada povo, época, enfim. Porém, será que temos consciência crítica e construtiva sobre o papel da arte em nossa sociedade? De acordo com este artigo será possível perceber que de Platão (aprox. 427 a.C. / 347 a.C.) até os dias de hoje tudo isto resiste a uma simples apreciação, tornando-se um inquietante desafio.

PALAVRAS-CHAVE: Estética. Arte. História da Arte.

ABSTRACT

The aim of this article as a literature review is to make an overview of three study areas : aesthetics, art and art history , analyzing each item using some philosophical ideas . We can consider that the first works of art found , were found in the period of the caves with their paintings and objects that man produced by manipulating colors , shapes, gestures , silences , sounds, in order to give meaning and also communicate with each other, then starting the beginning of the art. Today you can see art as something fundamental and characteristic of each people , time , anyway. But do we have critical and constructive awareness of the role of art in our society ? According to this article you can see that Plato (approx. 427 BC / 347 BC) to the present day all that resists a simple appreciation, becoming a disturbing challenge

KEYWORDS: Beauty. Art. History of Art.

ESTÉTICA

É em Platão que encontramos as raízes da estética, somente no século XVIII ela assume um sentido moderno. Para Platão, o fundamento da arte jazia da ideia de mimese que de acordo com Lacoste (1986) para ser compreendido o significado de arte como mimese, é preciso entender a concepção grega de ser e verdade, segundo o qual toda arte é apenas uma imitação das coisas, mostrando somente o que aparenta ser e não o que é na realidade. Um

¹ Universidade de Uberaba – UNIUBE. Email: flavianelima1@hotmail.com

² Universidade de Uberaba – UNIUBE. Email: renanobre@hotmail.com

exemplo: quando nos deparamos com uma pedra, reconhecemos sua essência ou ideia de pedra, que é permanente e não muda de acordo com o tempo. A representação do mundo físico feita pelos pintores cria somente uma imitação da imitação, distante da essência, sendo inferior para Platão daquela realizada pelo artesão que produzia objetos concretos utilizando-se da sua própria Ideia. De acordo com Lacoste (1986) a posição de Platão era uma atitude crítica perante as mudanças artísticas que aconteciam na Grécia naquele momento, se dirigindo tanto ao naturalismo crescente, atingido tanto a estatuaria grega, quanto à *skiagraphia* (modernamente chamada de *trompe-l'oeil*) técnica usada para dar uma ilusão de profundidade. Segundo Pereira (2011, pág. 18):

Ao reconhecer o fascínio que este mundo de ilusão despertava, Platão afirmava que a missão da filosofia era dissipar este poder exercido sobre a sensibilidade humana, pois a verdadeira beleza estava na apreensão intelectual das essências. A arte de imitação se constituía num obstáculo para isto, já que permanecia no mundo sensível.

Da Idade Média até o início da modernidade, não houve grandes mudanças sobre o pensamento de estética da antiguidade. A contribuição mais ousada para a estética apareceu no século XVIII, quando esta assumiu uma concepção moderna. Aparecendo pela primeira vez o termo na obra de um alemão, Alexandre Gottlieb Baumgarten (1714-1762) que é considerado como um pai fundador da estética e que a partir do sentido original o qual se referia à sensação, passou a defini-la como ciência do sensível. A contribuição de Baumgarten consiste na maneira como ele define conhecimento perceptivo, como um caminho que levará a verdade, assim sendo, o sensível é elevado ao status de saber elevado. Segundo Luc Ferry (1994), o significado desta mudança consiste no fato de que na antiguidade, a obra era vista como um microcosmo e fora dela no macrocosmo existe um critério objetivo do Belo. Já na modernidade, a partir de Immanuel Kant (1724-1804), a essência da obra está ligada à subjetividade, o Belo passa a ser visto como estado da mente e não mais um conceito puro.

Ao contrário de Platão, para Kant, a beleza como sendo algo interno dos seres humanos, conciliando harmoniosamente espírito e natureza. Em *Crítica da faculdade do juízo* 1790, Kant define a estética como a capacidade de fruição relacionada a outras capacidades humanas. Portanto o indivíduo não precisaria possuir nenhuma capacidade excepcional para exercê-la, qualquer seria capaz de captar e experimentar o belo.

Para Kant, a estética é um estado de vida de direito próprio, uma capacidade de fruição intimamente relacionada a outras capacidades cognitivas do ser humano, sem depender, necessariamente, da aquisição de conhecimento, ou seja: para contemplar o belo, o sujeito não se vale das determinações das capacidades cognitivas das faculdades do conhecimento. (VALE, 2005).

Diferente da subjetividade de Kant, a concepção de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) de estética, associará o sentido de belo artístico à manifestação do espírito. A definição de espírito criada por Hegel é como “a comunidade de homens que toma consciência de si mesma na História” (LACOSTE 1986, p.43). Assim, em Hegel a arte vê o Belo como algo existente na realidade, nas obras reais e históricas, para Hegel as obras de arte não variam de acordo com o tempo e nem são meras imitações da natureza como dizia Platão, pois elas representam o momento do espírito na História. Lacoste (1986, p.44) sobre Hegel, que: “A arte nesse sentido, é uma das vias pelas quais o homem enquanto espírito se separa da natureza”. Tendo em vista que o espírito é superior à natureza, o Belo artístico também é superior ao belo natural. Segundo Pereira (2011, p.19) “como produto do espírito, a arte não tem objetivo de dar prazer, ela é um conteúdo em busca da forma, um interior que procura exteriorizar-se, o belo é a ideia concretizada no âmbito sensível”.

Nesta mesma época na França, pequenos grupos de escritores, músicos e pintores discutiam questões voltadas à arte e bom gosto. Na Europa e no mundo em geral é importante destacar que passavam por um momento de intensa transformação em suas estruturas políticas, econômicas e sociais. Os artistas desse período puderam vivenciar o surgimento de inovações técnicas como a fotografia, que devido a sua rápida inserção no meio social por volta da segunda metade do século XIX, retira da arte o privilégio de recriar a realidade. O importante destas associações é que além de expor o pensamento dos artistas diante de um período de mudanças, abriu-se espaço para posturas contrárias àquelas estabelecidas por grupos dominantes no que se referia também à arte e seus saberes. O pintor francês Eugene Delacroix (1798-1863) pintou várias aquarelas utilizando o grafite de forma a precisar aqui um indício de cor, ali uma impressão que almeja recordar, desenhos executados em aquarelas com esboço preparatório em lápis negro. Seja usando diários íntimos, jornais, cartas ou textos publicados, isto não se limitava mais aos aspectos técnicos de pintura como era feito, mas sim, começavam a mostrar seus pensamentos diante de questões estéticas fundamentais que eram analisadas apenas por filósofos e críticos.

Em Delacroix percebe-se que a pintura não é mais somente uma representação do mundo exterior e sim manifestação da emoção individual. Os novos arranjos concebidos pela necessidade interior do artista e sua imaginação criadora, vão superar a natureza que antes era a base de trabalho dos artistas, através da originalidade, pois a fotografia tirou da arte o papel de registrar a realidade

Outro colaborador fundamental à teoria da estética veio do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) segundo o qual a estética possui dois princípios básicos: apolíneo (relacionado a individualidade, medida e consciência) e o dionisíaco (descomedimento, embriaguez e reconciliação entre homem e natureza).

Teremos ganho muito para a ciência estética ao chegarmos, não só à compreensão lógica, mas também à imediata segurança da opinião de que o progresso da arte está ligado à duplicidade do Apolíneo e do Dionisíaco [...]. (NIETZSCHE, 2006, p.34).

A arte deixaria de ser uma imitação como se referia Platão e muito menos expressaria a emoção individual como entendeu Delacroix, e sim uma identificação primária do artista com a natureza (Lacoste, 1986) e significa:

A identificação primária com a Natureza, que nos é conduzida através do transe dionisíaco, é a aproximação do homem da sua acepção mais pura, às suas potencialidades diversas, a seu querer que é um borbulhar incessante – no eterno dilema, na eterna ambiguidade que é o homem ante o seu querer, o ser e o não-ser, o nascimento e a morte, o homem frente a seu destino, o homem diante de si mesmo. (DOREA JUNIOR, [200-]).

Segundo Nietzsche, a tragédia grega que era uma apresentação teatral, realizada na Grécia pré-socrática, era arte por excelência, realizando a reconciliação entre estas duas forças. Era uma fusão de diálogos e cantos corais, tornando-se veículo para a emoção dionisíaca. No período de Sócrates, a tragédia muda seu formato, sendo a música substituída pelo diálogo. De acordo com Nietzsche, a negação do mito pelo extermínio do espírito da música, levou a decadência dos instintos vitais, tornando o homem moderno inapto de viver esta energia. Nietzsche vai além da simples discussão sobre estética, ele inquirir a supremacia

da filosofia racionalista e o espírito crítico que é elaborado a partir de Sócrates, que incute a desconfiança sobre as formas de conhecimento que derivam do irracional e inconsciente.

ARTE

Assim como na estética não existe ainda uma consonância no que pode ser chamada “arte”. Segundo Jorge Coli (1981, p.11): [...] “se buscarmos uma resposta clara e definitiva, decepçamos-nos: elas são divergentes, contraditórias, além de frequentemente se pretenderem exclusivas, propondo-se como solução única”. Outros exemplos abaixo mostram as inúmeras definições existentes:

Arte é uma interpretação da vida (realidade). Vincula-se a fatores religiosos (pirâmides egípcias ou esculturas da Grécia clássica), políticos (autoritarismo de Stálin na URSS), sociais (predomínio da burguesia no Romantismo) e simbólico (evangelistas associados a animais na decoração das igrejas medievais) (D’AMBROSIO, 2000).

Arte 1 [Do lat. arte.] S.f.1. Capacidade que tem o ser humano de pôr em prática uma ideia, valendo-se da faculdade de dominar a matéria: A arte de usar o fogo surgiu nos primórdios da civilização. 2. A utilização de tal capacidade, com vistas a um resultado que pode ser obtido por meios diferentes: a arte da medicina; a arte da caça; a arte militar; a arte de cozinhar; Liceu de Artes e Ofícios. 3. Atividade que supõe a criação de sensações ou de estados de espírito de caráter estético, carregados de vivência pessoal e profunda, podendo suscitar em outrem o desejo de prolongamento ou renovação: uma obra de arte; as artes visuais; arte religiosa; arte popular; a arte da poesia; a arte música. (DICIONÁRIO AURÉLIO, 2010).

A palavra arte é uma derivação da palavra latina “ars” ou “artis”, correspondente ao verbete grego “tékne”. O filósofo Aristóteles se referia a palavra arte como “póiesis”, cujo significado era semelhante a tékne. A arte, no sentido amplo, significa o meio de fazer ou produzir alguma coisa, sabendo que os termos tékne ou póiesis se traduzem em criação, fabricação ou produção de algo. (LINDOMAR, 2007).

Outros estudiosos vão além ao afirmar que a arte não pode ser compreendida pelo discurso racional, porque as palavras minimizam seu significado, que na realidade só se apreende pelos sentidos. A dificuldade desta questão é que não aprendemos a compreender as coisas pelos sentidos, sendo necessário descrever a arte por meio das palavras.

Conceituar arte é uma tarefa complicada, porém não podemos negar que estamos rodeados dela e que se olharmos atentamente, perceberemos sua presença na música, teatro, dança, literatura, artes plásticas, arquitetura; sendo vista às vezes como objeto ou coisa fútil. O que entendemos por arte, geralmente está ligado ao conteúdo estético e por provocar a sensação de admiração por estar vinculada ao belo.

É através da arte que o homem desde os tempos mais antigos tenta dar forma e função à matéria. De acordo com Ernst Fischer (2002, p.57), “A arte, capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la como a transformá-la”. Deste ponto de vista, todo trabalho realizado pelo artista é uma forma de representar a realidade usando formas sensíveis. A experiência pessoal do artista irá influenciar a maneira como ele organiza os dados sensíveis, no caso das artes visuais: espaço, volume, peso, textura, luz e cor. O valor estético é sentido através da intuição e da emoção condicionadas ao sujeito receptivo. Segundo alguns estudiosos, isto acontece através dos elementos simbólicos ao entrarem em contato com o mundo social. Portanto, a ação de olhar a arte é um ato individual e esta ligado à cultura e experiência de cada um.

Quando contemplamos uma obra de arte (pintura, escultura ou outro qualquer), logo temos a sensação que nos remete a gostar ou não daquilo. Temos ainda que levar em consideração o fato de que gostamos geralmente daquilo que conhecemos e estranhamos o que é considerado diferente ou desconhecemos. Isto explica o fato da rejeição sobre as vanguardas artísticas, assunto que poucos conhecem.

Assim sendo, é muito importante fazer a distinção entre questões de gosto pessoal e à linguagem artística, o gosto pessoal é influenciado pelas afinidades pessoais e outros critério relacionados ao conteúdo expressivo, a forma como o artista ordenou formalmente a obra, como expôs seus pensamentos e emoções, pois este não é simplesmente uma preferência subjetiva. Fayga Ostrower (1983, p.62) descreveu os limites desses dois pontos de vista sobre a arte:

[...] se o gosto condiciona o convívio de cada um com as obras de arte, não constitui, em si, critério de avaliação da obra. Necessariamente, o gosto é uma reação individual e subjetiva. Já os critérios de avaliação devem ser objetivos, abrangendo qualidades válidas para todos.

Os critérios que definem o valor da obra de arte são definidos de acordo com o grupo social, portanto, não podemos dizer que um objeto é artístico se ele não for reconhecido como

sendo, pelos grupos sociais de determinada cultura, e dentro desses grupos que se organizam os discursos e instrumentos para legitimá-los. No ocidente, os discursos e modelos hierárquicos advêm de três instituições. Segundo Ivan Gaskell (1992), primeiramente temos os negociantes, leiloeiros e colecionadores; depois os diretores de museus e galerias públicas e em terceiro temos os historiadores da arte, editores, acadêmicos e críticos. Além de criarem o status de um objeto artístico, também foi elaborado a ideia de estilo e corrente. A repetição de constantes em uma obra classificaria o estilo, em todas as formas de arte.

O estilo é a junção da concepção e execução da obra, podendo ser adotado na esfera coletiva ou individual. O estilo pode às vezes ser visto como cenário de determinada época, nem sempre definido por uma ruptura brusca e quanto aos aspectos novos, em geral, foi feito no passado.

Ocorre também nos meios oficiais, as constantes que determinam o limite oficial entre o que pode ser considerado objeto artístico ou não. De acordo com alguns, para ser considerada arte é preciso analisar os aspectos técnicos de sua execução: composição, equilíbrio, forma, etc.; já outros acreditam que arte não se resume a questões técnicas. Um exemplo é a arte indígena, onde não existe a separação entre o conceito utilitário e o artístico. Assim, autores como (PROENÇA, 2003, p.191) diz que “a arte indígena é mais representativa das tradições da comunidade do que da personalidade do indivíduo que a faz”.

Na obra de arte indígena percebe-se uma mistura muito forte entre a arte e a vida tribal, a representação sociocultural é muito forte, aparecendo em todos os aspectos artísticos, indo da pintura corporal, painéis e cestarias; sendo o ornamento parte muito importante de tudo que é feito, porém, não existe até hoje, nenhuma palavra indígena com o mesmo significado que em nossa sociedade para a arte.

Observando atentamente o percurso da arte em diferentes épocas, percebe-se que existem vários fatores que tanto aumentam a admiração quanto levam ao esquecimento de um estilo ou gosto. Ao levar destes ventos que se acabam recuperando obras, estilos e artistas do passado. Estas variações de gosto são resultantes de diversos fatores “socioculturais” e também descobertas arqueológicas.

Podemos perceber isso sobre um determinado artista, movimento e até mesmo em um conjunto de obras do momento. Um exemplo clássico entre tantos outros, aconteceu no Renascimento, na arte medieval que foi menosprezada e diminuída, “a grosso modo” dizendo, pois estava relacionada as obras da Idade Média. No Renascimento, o ambiente artístico estava passando por um momento de intensa fermentação, os artistas tinha destaque e suas

obras e feitos tinham uma notoriedade até então nunca obtida no meio social, diferente da Idade Média, período em que as obras eram feitas por artistas desconhecidos. O que de certo modo explica a falta de interesse dos renascentistas pela arte medieval. Entre os vários motivos, ressaltam-se: falta de liberdade, o princípio que arte era feito somente por artesão, a não aceitação dos princípios básicos entre harmonia e proporção, entre outros.

Muito do que se conhece sobre os princípios clássicos da Grécia e Roma antiga, reapareceu no período do Renascimento graças ao trabalho de Leon Batista Alberti. Segundo PEREIRA (2011, p. 30), “o desenvolvimento do pensamento científico esteve a par e passo com o movimento artístico do Renascimento, o qual pode, inclusive, ser visto como uma das esferas nas quais as descobertas científicas se expressaram”.

Pelo que foi visto até aqui, percebe-se que a arte é um assunto muito complexo, quando analisada pelo ponto de vista formal, porém essa condição não deve ser vista como empecilho e sim um desafio da história da arte.

A HISTÓRIA DA ARTE

Paul Klee (1971) expressa muito seu conceito sobre História da Arte quando a refere ao estudo das artes visuais como pintura e escultura. Outros estilos de arte como a música, literatura, teatro, arquitetura, entre outros, é considerado como outra terminologia mais específica, sendo então, história do teatro, história da música...

Toda a obra de arte é um sistema de formas, um organismo. A sua característica essencial é constituída pelo caráter da necessidade, no sentido de que nada pode ser alterado ou deslocado, mas tudo deve permanecer como é. (Heinrich Wofflin, 1984).

Qualquer tentativa de estudo sobre História da Arte sofre limitações, porque a presença da arte e objetos artísticos são de tamanha proporção e diversidade que é quase impossível alcança-la totalmente, por isso que é tão difícil encontrar uma proposta de história da arte que a contemple totalmente.

As metodologias sobre a história da arte, na tentativa de delimitar suas especificidades, começaram a ser esboçadas há aproximadamente cem anos. Irei destacar duas. A primeira ressalta o formalismo, os dois principais teóricos desta proposta são: Heinrich Wofflin (1864-

1945) e Henri Focillon (1881-1943). Esta metodologia é entendida como resultado plástico da obra do artista, através da análise de linhas, cores, texturas, luzes e volume.

A segunda metodologia pode ser considerada social, pois estuda a arte ou objeto artístico de acordo com o seu contexto histórico. Esta perspectiva teve como um dos seus principais autores Arnold Hauser, principalmente devido sua obra “História social da arte e literatura”. Artur Freitas (2004) ressalta que esta metodologia necessita que se faça uma releitura sobre as condições de produção, genealogia, enfim a história da circularidade institucional. Portanto a história da arte ajudaria a identificar variações de estilo, ao mesmo tempo em que o relaciona a aspectos gerais da sociedade.

Assim sendo, o estudo das obras de arte pode ser realizado no contexto da cultura em que foi produzida, desde que não seja deixado de lado o fato que nenhum objeto artístico tem seu significado esgotado. A sociedade tem sim influência sobre a sensibilidade artística e isto afeta diretamente ou não o trabalho do artista.

CONCLUSÃO

Segundo CANCLINI (1984, p. 207-9):

O estudo da arte abrange, hoje, a análise das obras de arte tanto quanto a das transformações de seu sentido, (...) as artes tradicionalmente conhecidas (...) e, também, as atividades não consagradas pelo sistema belas-artes, (...) a arte, então deixa de ser concebida apenas como um campo diferenciado da atividade social e passa a ser, também, um modo de praticar a cultura.

Portanto, de acordo com tudo que foi colocado até aqui, é possível perceber que a arte não é um assunto fácil de ser estudado, devido a sua complexidade, desde o seu aspecto formal, até analisando-a a partir do social, porém isso nunca deve ser um obstáculo para seu aprofundamento, pois contamos com a História da Arte e levando em consideração que a cultura é sempre o espaço no qual o objeto artístico se desenvolve.

REFERÊNCIAS

AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA. **Novo dicionário eletrônico Aurélio**. 5ª edição. Curitiba: Positivo, 2010. Disponível em: <http://aurelio.ig.com.br/dicaureliopos/login.asp>. Acesso em 22/08/2015.

CANCLINI, Nestor Garcia. **A socialização da arte: teoria e prática na América Latina**. São Paulo: Cultrix, 1984.

COLI, Jorge. **O que é arte?** São Paulo: Braziliense, 1981.

D'AMBRÓSIO, Oscar. **Conceito de arte**. Vida e arte. 2000. Disponível em: <http://www.artcanal.com.br/oscardambrosio/conceito.htm>. Acesso em 22/08/2011.

DOREA JUNIOR, José Luiz Araújo. **Comentários sobre o desenvolvimento da individualidade na tragédia grega**. Publicações de alunos de Graduação e Pós-graduação do Instituto de Estudos e Linguagem – Unicamp. [200-]. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicações/textos/c00005.htm>. Acesso em 22/08/2011.

FERRY, Luc. **Homo Aestheticus: A invenção do Gosto na Era Democrática**. São Paulo: Ensaio, 1994.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

FREITAS, Artur. História e imagem artística: por uma abordagem tríplice. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, número 34, julho-dezembro de 2004, p.3-21.

GASKELL, Ivan. “História das imagens”. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**. 2 ed. Trad. Valério Rohden e António Marques. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005d.

KLEE, Paul. **Theorie de l'art Moderne**. Genève: Gonthier, 1971. Tradução M. Duprat. Disponível em: <http://www.marceloduprat.net/textos/klee%20.pdf>. Acesso em: 07/12/2009.

LACOSTE, Jean. **Filosofia da arte**. 2 ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1986.

LINDOMAR. **O que é arte?** Infoescola: navegando e aprendendo. 03 dez. 2007. Disponível em: <http://www.infoescola.com/artes/o-que-e-artes/>. Acesso em 11/01/2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Origem da tragédia proveniente do espírito da música**. São Paulo: eBooks Brasil, 2006 (Fonte Digital, Digitalização do livro em papel da Editora Cupolo 1948). Disponível em: <http://ebooksbrasil.org/eLibris/tragedia.html>. Acesso em 22/08/2011.

OSTROWER, Fayga. **Universo da arte**. Rio de Janeiro: Campus, 1983.

PEREIRA, Lucésia. **História da arte: livro didático**. Palhoça: Unisul Virtual, 2011.

PROENÇA, Graça. **História da arte**. São Paulo: Ática, 2003.

VALE, Lúcia de Fátima do. **A estética e a questão do belo nas inquietações humanas**. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/046/46cvale.htm>. Acesso em 07/12/2009.

WOLFFLIN, Heinrich. **História da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

RECEBIDO EM: 10/03/2016

APROVADO PARA PUBLICAÇÃO EM: 29/11/2016